

***Arte docente x produções científico-intelectuais – travando conceitos
em busca de significados***

Kunz, R.² - rbelkunz@futurusnet.com.br

Magedanz, A.³ - magedanza@simbr.com.br

Fundamentar epistemologicamente temas e questões matemáticas da atualidade relevando experiências, medos, monstros, labirintos, investigações, diálogos, interações, verdades, delírios, ficções, histórias, saberes, conhecimentos, naturalizações ... Fazer as mais diversas associações, traçar paralelos, analisar comparativos, ... É contar a narrativa do “Pequeno Príncipe”, enfatizando o desenho do chapéu/jibóia, representando a imagem de um carneiro, explicitando a importância dos cuidados com a rosa, do extermínio dos baobás, das viagens aos sete diferentes planetas, ... É, parafraseando Guilherme Arantes, “Pegar carona nessa cauda de cometa Fazer da Matemática, estrada mais bonita”...

Contar histórias. Cantar enredos. Viver a vida. E quando, em qual dos atos, em que parte da cena, entra o papel da escola? Será suficiente à escola a função de fazer pensar? Mas no que consiste pensar? Para Bondía (2002, p. 21, grifo do autor), “E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.” Talvez nosso aluno tenha esquecido o porquê da existência da escola e cabe a nós professores resgatarmos a sua importância, voltar a cultivar o pensar, valorizar o conhecimento, o investimento intelectual. Incentivar uma viagem, como fez o Pequeno Príncipe: “Ele se achava na região dos asteróides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou, então, a visitá-los, para desta forma ter uma atividade e se instruir.” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 36) Um ocupar-se de forma instrutiva, talvez esteja aí o grande xis dessa equação.

¹ Ensaio da disciplina Fundamentos Epistemológicos da Matemática no Ensino Básico. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Ensino de Matemática. Secretaria de Extensão e Pós-Graduação. UNIVATES. Prof. Francisco Egger Moellwald. Lajeado, outubro de 2005.

² Formada em Matemática pela UNIVATES/RS (2000). Atualmente (2005) é professora em escolas da rede municipal de Encantado/RS. Aluna da disciplina de Fundamentos Epistemológicos da Matemática no Ensino Básico, do pós-graduação em Ensino de Matemática da UNIVATES.

³ Formada em Matemática pela UNIVATES/RS (2000). Atualmente (2005) é professora em escolas da rede municipal e estadual de Imigrante/RS. Aluna da disciplina de Fundamentos Epistemológicos da Matemática no Ensino Básico, do pós-graduação em Ensino de Matemática da UNIVATES.

E o tempo passa, voa... e “a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo”. (BONDÍA, 2002, p. 23) “Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos.” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 69). De que serve o exemplo do principezinho: “Eu, pensou o pequeno príncipe, se tivesse cinqüenta e três minutos para gastar, iria caminhando calmamente em direção a uma fonte...” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 76) O que faria o aluno do século XXI? Nossas crianças e adolescentes, se tivessem os mesmos cinqüenta e três minutos para gastar? E os professores/educadores? Qual seria a fonte que buscariam(os)? Talvez fossem(os) em busca de uma experiência... Mas, sem distorção da palavra, procuremos usar o conceito de Bondía (2002, p. 21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” É necessária que se faça uma reflexão sobre o tipo de experiência que a escola está despendendo com os jovens. Está o ambiente escolar fornecendo o tempo suficiente de maturação para que a experiência se faça acontecer?

Quantas jibóias fechadas representam apenas chapéus nos conceitos escolares? Quantas jibóias abertas são levadas ao abandono em prol da ciência, da língua, do cálculo, dos estudos sociais... das formalidades que o saber acadêmico “exige”? Quantos carneiros precisam ser ilustrados para explicitar com simplicidade o objetivo a ser alcançado? Quantas amarras desnecessárias: “Quando a gente anda sempre em frente, não pode ir muito longe...” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 18) E, remodelando Saint-Exupéry (2005, p. 72), o essencial **continua sempre** invisível aos olhos. E dessa forma monstros são cultivados em seus jardins e conforme Lins (BICUDO & BORBA, 2004, p. 105) “Quando encontramos o monstro não sabemos o que fazer, não fomos educados – nem pela vida, nem pela escola – a lidar com essa situação.”

E na mesmice do dia-a-dia o professor se exime de responsabilidades. Para que ser herói? Fazer do monstro um bichinho de estimação é uma tarefa árdua e extremamente trabalhosa. Exige desprendimento, pesquisa, interação por parte do professor. Precisa de inspiração e paciência para deixar a experiência acontecer, uma vez que “ninguém pode aprender da experiência do outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.” (BONDÍA, 2002, p.27). Assim, é mais fácil ser professor se deixar “o monstro escapar” (LINS, 2004, p. 106). Mas por que querer vida fácil se o saber é mistério a desvendar? E sabiamente Exupéry revela que

“Quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer.” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 12) Lançar-se a algo que não sabemos onde vamos chegar: mistério! “Desdobrar-se de perspectivas e interpretações.” (CORAZZA & TADEU, 2003, p. 52)

Em meio a esse medo, a essa não desobediência, ... a essa acomodação intelectual, a esse adormecimento prático/mental, ... em meio a isso, aquilo e mais aquele outro, vão juntando-se motivos, acumulando-se desculpas, desviando-se experiências... Como tão bem coloca Corazza (2002, p. 107) “...o difícil mesmo, como Foucault escreveu, é sair-se do que se é, para criar outros possíveis de ser;” Parece que “o que sabe, é claro, não precisa procurar, porque sabe; e o que não sabe, não pode procurar, porque não sabe o que deve procurar.” (PLATÃO, p. 54/55). Equiparando novamente ao *bestseller* literário – O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry: são muitos geógrafos e poucos exploradores; todos reis e nenhum súdito; tantos vaidosos esperando admiradores; poucos acendedores e muitos lampiões; bêbados envergonhados em excesso e uma minoria consciente de suas funções; empresários, comerciantes, mercadores, ... preocupação primeira? O lucro. “... o que aconteceria hoje se os educadores decidessem subitamente que o segundo grau não seria necessário... Seria uma catástrofe, literalmente... não se trata apenas de manter os jovens de catorze anos fora do mercado de trabalho. É essencial mantê-los em casa, como **consumidores** sem renda própria.” (QUINN, 1999, p. 130, grifo nosso) E será essa uma das funções da arte de educar?

Talvez o mais óbvio e ao mesmo tempo o mais oculto seja uma questão que amedronta e enche o professor de poder: “quem nós queremos que eles e elas se tornem?” (CORAZZA & TADEU, 2003, p. 38). O papel da escola está intimamente ligado: ao mundo que se quer revelar, ao país que queremos deixar como legado, as congregações que o poder público insiste em declarar como herdeiros de “um campo onde o patrão é rei Tendo poderes sobre o pão e as águas” (FRONTEIRA, 1991), aos jovens que desejamos ajudar a crescer e se desenvolver... Então há muito mais a questionar: discutir políticas, apresentar realidades, indagar as causas, interpretar as consequências, construir soluções, ... mas como organizar um espaço que admite as diferenças, trabalhando-as e permitindo a evolução do pensamento? Um espaço de encontros, onde não há lugar para o monótono e a vida ensina o verdadeiro sentido da palavra cativar? Lugar este onde o tempo ocupado em aprender/ensinar/aprender é o

momento em que a diferença ocupará seu espaço “a identidade do eu consigo mesmo” (CORAZZA & TADEU, 2003, p. 43), o estreitamento da “distância entre o eu pensado e o eu que pensa” (IBIDEM, p. 43). Momento de renascer e tornar-se um eu único, soberbo, essencial, insubstituível... “Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante.” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 72)

E então, entre monstros e fadas, entre amores e desafetos, entre perdas e ganhos, entre vitórias e derrotas, entre semeaduras e colheitas, entre dúvidas e certezas, entre o acerto e o erro, entre o ser e o devir, entre o eu e o nós, entre propor e decretar, ... onde está escrito “o que deve ser ensinado? O que constitui o conhecimento válido ou verdadeiro?” (CORAZZA & TADEU, 2003, p. 37), “[...] que saberes a escola se propõe a divulgar e a discutir? Quais são os critérios de suas escolhas?” (MONTEIRO, 2004, p. 434). Como tão bem ressalta Chassot (2003, p. 26, grifo do autor) “Por paradoxal que possa parecer, a melhor receita para esse novo educador é *ensinar menos*. Não é o quanto se sabe que nos faz diferentes. O decisivo é como se sabe descobrir novos conhecimentos e, especialmente, como usá-los.”

“A única verdade é aquela que nós criamos.” (CORAZZA & TADEU, 2003, p. 40) “E nenhuma pessoa grande jamais entenderá que isso possa ter tanta importância!” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 93). Sejamos nós, professores, “grandes” ou “pequenos” (dependendo de quem faça a colocação) aqueles que vão continuar crendo e vivenciando o verdadeiro papel da escola. Não deixemos que os obstáculos impostos por aqueles que não querem crescer, derrubem sonhos, ideais e desconstruam pequenas ações (práticas) que já são realidade em muitas escolas.

Referências Bibliográficas

ARANTES, G. *Lindo Balão Azul*. Disponível em: http://www.infantv.hpg.ig.com.br/l_balao.htm. Acesso em: 14 out. 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. N° 19 (Jan/Fev/Mar/Abr), 2002. p. 20 - 28.

CHASSOT, Attico. *Educação conSciênciia*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.

FRONTEIRA, Gaúcho da. *Herdeiros da Pampa Pobre*. Disponível em: <http://engenheiros-dohawaii.letras.terra.com.br/letras/45728/> Acesso em: 31 out. 2005.

LINS, Rômulo C. Matemática, monstros, significados e educação matemática. In: BICUDO, Maria A. V.; BORBA, Marcelo de C. (Orgs.). Educação Matemática: pesquisa em movimento. São Paulo: Cortez, 2004. p. 92 – 120.

MONTEIRO, Alexandrina. A etnomatemática em cenários de escolarização: alguns elementos de reflexão. In: KNIJNICK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, C. J. (orgs). *Etnomatemática, currículo e formação de professores*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

PLATÃO. *Diálogos*. Mênôn – Banquete – Fedro. Rio de Janeiro: Ediouro. Sd., p. 54-61.

QUINN, Daniel. *Meu Ismael*: O fenômeno continua. Trad. Celso Nogueira. SP: Petrópolis, 1999. p. 125-157. Seções: “Confusão escolar”, “Confusão escolar II” e “Desescolarizando o mundo”.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: AGIR, 48ª Edição, 2005. ISBN 85-220-0523-0

SILVA, Tomaz Tadeu da. Dr. Nietzsche, curriculista - com um pequena ajuda do professor Deleuze. In: CORAZZA, Sandra & SILVA, Tomaz T. da. (Orgs.). *Composições*. BH: Autêntica, 2003, p. 35-57.